

# A GRAMÁTICA NO LIVRO DIDÁTICO: POR UMA GRAMÁTICA CONTEXTUALIZADA CRÍTICO-REFLEXIVA

## GRAMMAR IN THE TEXTBOOK: FOR A CRITICAL-REFLEXIVE CONTEXTUALIZED GRAMMAR

**Maria do Socorro de Andrade Ferreira**  
orcid.org/0009-0005-7255-8403  
msosandrade30@gmail.com

Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. Licenciada em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Tem experiência no ensino superior presencial e a na modalidade EaD. Atualmente é professora no departamento de Letras, na Universidade Estadual do Maranhão – CESTI/UEMA.

**José Eldo Pereira Pessoa**  
joseeldopp@gmail.com

Especialista em Metodologia do ensino de matemática, pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER. Licenciado em Matemática pela Universidade Nove de Julho-UNINOVE do Estado de São Paulo. Graduando em Língua Portuguesa pela UFPI. Atualmente é diretor na rede municipal de ensino da cidade de Miguel Alves-PI.

**Marinete Soares da Silva**  
marinetesoaresdasilva@outlook.com

Graduada em Pedagogia pela UFPI e graduanda em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa também pela UFPI. Atua como professora de língua portuguesa na rede municipal de ensino em Miguel Alves -PI.

### RESUMO

O presente trabalho busca expor uma análise sucinta das questões do livro didático do 6º ano do ensino fundamental, numa perspectiva de como o livro aborda o ensino da gramática, isolada ou contextualizada; identificando os aspectos em que as questões de produção textual, interpretação, exercícios gramaticais são crítico-reflexivas e refletem aspectos da cidadania. A pesquisa justifica-se pela necessidade de se formar alunos críticos e reflexivos, não meros reprodutores da língua e, sendo o livro didático a mola propulsora para esse trabalho junto ao discente, entende-se ser aquele, objeto de constante investigação. Quanto ao aspecto metodológico, foi feito a princípio a escolha do livro didático, selecionando-se três unidades para análise, identificando as questões que estão relacionadas ao tema e, finalmente a análise das questões em que se buscou identificar com a referida proposta, discussões acerca do trabalho e, por fim a produção do presente texto. O tipo desta pesquisa é bibliográfico, pois buscou-se em artigos e livros explorar a teoria referente ao assunto. Já a abordagem é qualitativa, uma vez que a proposta e a análise

do objeto são interpretativas. Por conseguinte, o estudo mostrou que há um avanço, ainda que pouco relacionado a gramática contextualizada. Algumas questões do livro ainda se limitam ao estudo de regras com exercícios estruturais, há exercícios isolados, mas em parte identificou-se outras atividades bem provocativas que levam o aluno a construir, transformar-se por meio do pensamento crítico-reflexivo do seu fazer com os estudos da língua.

**Palavras-chave:** gramática contextualizada; cidadania; livro didático.

## ABSTRACT

*The present work aims at presenting a brief analysis of the 6th grade textbook issues, from the perspective of how the book approaches the teaching of grammar, isolated or contextualized; identifying the aspects in which the issues of text production, interpretation, grammar exercises are critical-reflexive and reflect aspects of citizenship. The research is justified by the need to form critical and reflective students, not mere reproducers of the language and, since the textbook is the springboard for this work with the students, it is understood to be the object of constant investigation. As for the methodological aspect, at first the choice of the textbook was made, selecting three units for analysis, identifying the issues that are related to the theme and, finally, the analysis of the issues in which we tried to identify with that proposal, discussions about the work and, finally, the production of this text. The type of this research is bibliographic, because it was sought in articles and books to explore the theory related to the subject. The approach is qualitative, since the proposal and the analysis of the object are interpretative. Therefore, the study showed that there is an advance, although little related to contextualized grammar. Some questions in the book are still limited to the study of rules with structural exercises, there are isolated exercises, but in part it was identified other very provocative activities that lead the student to construct, to transform himself through critical-reflexive thinking of his doing with the language studies.*

**Keywords:** contextualized grammar; citizenship; textbook.

## INTRODUÇÃO

Atualmente tem se notado muitas discussões a respeito de educação e diversidade, dois elementos de importância na formação dos cidadãos e sua inserção social, por esta razão torna-se importante a realização de uma análise das questões reflexivas e/ textuais acerca da referida temática, numa perspectiva de uma gramática que está para além das regras estruturais, que vai ao mundo no qual o aluno está inserido.

Entende-se que o livro didático é um instrumento a disposição do docente em sala de aula, e ao mesmo tempo um dispositivo de aprendizagem favorecendo ao estudante; é um meio que o discente usa para aquisição do conhecimento e de saberes que o capacitarão para atuar como cidadão crítico permitindo essa reflexão. Contudo, é importante que o professor tenha o devido conhecimento prévio dessa ferramenta, para que em seus planejamentos ele possa estar usando a favor de ampliar o conhecimento do aluno de maneira a tornar profícua a aprendizagem do estudante.

Logo, este trabalho visa analisar se o livro didático em investigação, contempla aspectos de uma gramática contextualizada nas propostas de suas atividades, nas suas seguintes seções de trabalho: produção textual, interpretação textual, exercícios gramaticais, contemplando aspectos da cidadania. O livro didático em sua abordagem no ensino da língua portuguesa provoca o discente com questões dentro da perspectiva contextualizada? Através de uma análise sucinta, o presente trabalho busca responder esse questionamento.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Os novos documentos, que norteiam a educação no Brasil dentre os quais destacamos a Base, a BNCC traz novas diretrizes para o ensino da gramática, a partir de uma perspectiva contextualizada, o que já era defendido por Antunes, na sua “Aula de Português” (2003).

A BNCC advoga o foco da gramática a partir dos contextos de usos reais da língua:

[...] na BNCC, a organização das práticas de linguagem (leitura de textos, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica) por campos de atuação aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes (Brasil, 2018, p.84).

Como se vê, a questão da contextualização é de suma importância para o discente poder vivenciar o conhecimento. O documento parte desse pressuposto e prossegue:

A escolha por esses campos, de um conjunto maior, deu-se por se entender que eles contemplam dimensões formativas importantes de uso da linguagem na escola e fora dela e criam condições para uma formação para a atuação em atividades do dia a dia, no espaço familiar e escolar, uma formação que contempla a produção do conhecimento e a pesquisa; o exercício da cidadania, que envolve, por exemplo, a condição de se inteirar dos fatos do mundo e opinar sobre eles, de poder propor pautas de discussão e soluções de problemas, como forma de vislumbrar formas de atuação na vida pública (Brasil, 2018, p.84) .

Na aula de português que não prioriza o contexto, o ensino pauta-se na língua por ela mesma e perde a oportunidade de ir além, quando se restringe a um programa metalinguístico, apenas:

[...] enfim, de uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, prioritariamente, a tarefa de realizá-la, não importa “o que se diga” e o “como se faz”. (É a “língua da escola”, como observou um menino sabido!) (Antunes, 2003. p.27).

A observação do “menino sabido” evidencia que esta língua é restrita à escola, sem serventia para além dos seus muros. Em suas pesquisas, Irlandé já evidenciava essa necessidade que veio resultar nos documentos que hoje, juntamente com trabalhos como o dela, mostram um novo cenário para um trabalho com a língua que evoque a necessidade que o aluno tem de articular o conhecimento escolar com as exigências sociais.

Para Antunes, quando falamos em gramática contextualizada, estamos nos referindo à:

A gramática a serviços dos sentidos e das intenções que se queira manifestar em um evento verbal, com vista a uma interação qualquer. Seria uma perspectiva de estudo dos fenômenos gramaticais, ou uma estratégia de exploração do componente gramatical do texto, tomando como referência seus valores e funções, os efeitos que esses fenômenos provocam nos diversos usos da fala e da escrita (Antunes, 2014, p. 46-47).

Diante de pensamentos como esse de Antunes, referente a gramática contextualizada, infere-se que o livro didático deve propiciar o trabalho com essa gramática; trazendo uma abordagem voltada a gramática do uso contextual, priorizando o uso da língua em situações reais, de efetivas de comunicação. Sendo esse livro objeto que traz no ensino da gramática estratégias de exploração de elementos do texto, adotando como referência valores, funções e os efeitos que esses fenômenos podem provocar nos diferentes usos da fala e da escrita.

Partindo da perspectiva de que o livro didático pode propiciar o trabalho com uma gramática contextualizada, pode-se analisá-lo verificando se as ideias estão associadas às funções comunicativas sem isolar a gramática, observando se o livro traz um apontamento que corrobora com os documentos atuais que coadunam com o pensamento de Antunes, no concerne à gramática contextualizada:

O contexto e parte – parte de dentro da ação da linguagem, de maneira que os sentidos pretendidos decorrem também dos elementos contextuais vivenciados. Quer dizer o contexto e parte do poder de significação da linguagem (Antunes, 2014, p. 40).

A linguagem parte de um contexto da vida do discente que precisa ser valorizada e principalmente, no momento do ensino em sala de aula, esse meio onde o estudante encontra-se necessita contribuir no seu conhecimento, não pode deixar de lado. Um estudo eficaz da língua, de modo efetivo precisa dar foco às questões de contextos da vida do estudante, Irandé tem sobre ele está compreensão: “A gramática a serviços dos sentidos e das intenções que se queira manifestar em um evento verbal, com vista a uma interação qualquer” (Antunes, 2014, p. 47).

A gramática de fato está a serviço do que se quer fazer e não ao contrário, pois a gramática existe por causa da linguagem. O entendimento dessa maneira, pode-se dizer que ao existir comunicação dentro de um contexto, em que a língua é utilizada, toda linguagem é gramática. Não é porque existe uma “linguagem caipira” que não pode ser considerada gramática, pois em nosso país temos uma diversidade linguageira e para uma boa efetivação do ensino de língua portuguesa, o docente precisa utilizar tudo isso ao seu favor e a favor do discente também.

A comunicação humana é um fenômeno complexo e multideterminado, referindo-se à forma como os seres humanos entram em contato uns com outros a partir da perspectiva de que o ser humano é um ser eminentemente social. Cabe salientar que a constituição da sociabilidade e da cultura passa pelo processo de comunicação, considerando que a linguagem não é neutra e que está sujeita ao contexto situacional e cultural de uma determinada sociedade (Carvalho, 2015, p. 15).

Para Carvalho a forma como os seres humanos entram em contato uns com os outros é preciso ser observada numa perspectiva a contribuir e não de atrapalhar o ensino, pois a constituição da sociedade é atravessada por processos de comunicação, assim sendo se faz necessário considerar o aspecto de que a linguagem não é neutra, pelo contrário, não apenas no âmbito escolar, mas também no aspecto social mais amplo – tudo é atravessado pela linguagem.

A linguagem é indissociável da comunicação, pois estão intrinsecamente dependentes uma da outra. A partir de então, entende-se a importância de ser levada em consideração a conjuntura escola-sociedade. Os docentes, na perspectiva do ensino da gramática, jamais podem desconsiderar o saber oriundo da linguagem materna, do seio familiar, que o discente já traz consigo.

É direito do aluno o respeito ao uso que faz da língua materna. Professores e estudantes precisam entender que a escola tem um o papel de formar cidadãos cada vez mais capazes de lidar com situações preconceituosas e ainda mais referentes a diversidade da linguagem. A escola precisa contemplar através de docentes e discentes a gramática contextualizada, ou seja, o estudante já traz um conhecimento prévio de mundo, de linguagem e a escola não pode desprezar isso e muito menos deixar discriminar; mas de maneira minuciosa e contextualizada mostrar que existe uma outra gramática chamada normativa, que ele em algum momento de sua vida poderá vir a precisar, porém o ensino da gramática normativa jamais pode ser preconceituoso, pelo contrário deve ser diligentemente trabalhado a partir daquilo que o discente já conhece, a partir do já vivenciado por ele, a língua materna. Todavia a gramática normativa deverá ser evidenciada, mas sempre contextualizada, pois se isso não for feito, o aluno poderá ficar alijado desse processo.

Não existe uma língua sem gramática, então, os falantes de uma língua são capazes de fazer uso das regularidades num enunciado de uma língua. Vale distinguir regras de gramática versus regras de uso. Uma vez que falamos ou escrevemos sob a forma de textos constata-se que a gramática existe apenas em função da compreensão e da produção de textos, sejam eles orais ou escritos. O saber implícito que todo falante possui deve ser ampliado com o conhecimento explícito dessas mesmas regras. A conveniência de determinada norma de prestígio não é em si mesma melhor que a outra, pode ser mais adequada a depender da situação em que é usada (Ferreira, 2021, p.26).

A gramática está imbricada à língua, sendo dela indissociável, não existe gramática sem língua, na verdade o que existe são regras, em que há necessidade de ser bem explicitamente diferenciada, pois essas regras têm um fim, no qual não é dizer que a língua falada é errada; essas regras o seu fim mais preciso é documental. O saber internalizado que todo falante já possui precisa ser exposto a essas mesmas regras, a conveniência do que está sendo utilizado não diz ser uma – linguagem – melhor do que a outra, pois não existe o certo e o errado nesse âmbito, mas sim existe, a depender da situação em que está sendo utilizada, o contexto mais apropriado, adequado.

A escola é um espaço social palco de evidências de imperativos de situações de linguagem é preciso avivar a consciência de que a linguagem está em pleno uso também na sala de aula com muitas funções diferentes ela não é alguma coisa que está fora da escola sobre a qual se está a apenas falando (Antunes, 2014. p.50).

A partir de reflexões como estas, percebe-se e confirma-se a ideia de que a escola deve estar a serviço da comunidade e que nitidamente seu papel diante da sociedade é formar cidadãos capazes de atuar de maneira crítica e reflexiva no contexto social contemporâneo. Uma educação nesse paradigma não pode desconsiderar as diferentes situações de comunicação, pois é necessário ressaltar o uso da linguagem também em sala de aula com funções diversas. Para tanto, tem-se o livro didático que pode ser um aporte para se trabalhar estas situações de diversidades linguísticas inerente ao uso da língua.

A seguir, apresenta-se o itinerário metodológico da pesquisa, no qual procurou-se evidenciar as etapas percorridas para se chegar à análise do objeto; explana-se o tipo e a abordagem da pesquisa e realiza-se a análise de algumas questões do LD, que é a proposta inicial desse trabalho.

## METODOLOGIA

O *corpus* de análise deste estudo é o livro didático, doravante LD, de Delmato e Carvalho, *Português: conexão e uso*, 6º ano. 2018, do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), do ano de 2020 - 2023. As unidades 2 e 6, foram as unidades selecionadas nas quais foram retiradas algumas questões para as análises, com foco nas questões de interpretação, produção textual e análise linguística.

O tipo desta pesquisa é bibliográfico, pois buscou-se em artigos e livros explorar a teoria referente ao assunto. Já a abordagem é qualitativa, uma vez que a proposta e a análise do objeto são interpretativa, valorizando o aspecto qualitativo da relação teoria *versus corpus* de análise.

## ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Dar-se início às análises das questões/ atividades acerca da temática da gramática contextualizada, em um livro didático de língua portuguesa numa perspectiva crítico-reflexiva.

A primeira unidade para análise, expõe ao longo de toda unidade uma diversidade textual com questões que estão abarcando senso crítico em alguns momentos; abrange diferentes gêneros

textuais explorando-os por meio de interpretação e produção textual; apresenta uma gramática parcialmente contextualizada, incluindo discussões sobre convivência dentro e fora da escola focando na tolerância, no respeito e neste aspecto, trabalhando os elementos língua e linguagem.

É preciso observar, no entanto, que as possíveis funções que um livro didático pode exercer não se tornam realidade, caso não se leve em conta o contexto em que ele é utilizado. Noutras palavras, as funções acima referidas são histórica e socialmente situadas e, assim, sujeitas a limitações e contradições. Por isso, tanto na escolha quanto no uso do livro, o professor tem o papel indispensável de observar a adequação desse instrumento didático à sua prática pedagógica e ao seu aluno (Brasil, 2007, p.12).

Em consonância com Brasil, inicia-se aqui a análise de questões da primeira unidade escolhida, relevante iniciar com uma informação importante, as questões subseqüentes terão como base uma carta de reclamação feita a respeito do mato alto e abundante que toma conta da área pública à prefeitura municipal, que foi enviada a um site de notícia:

6. No último parágrafo, o autor da carta conclui o texto com uma crítica e uma sugestão. Leia.

[...]

Tomo a liberdade de sugerir à municipalidade, que tanto gosta de reforçar a escassez dos recursos públicos, que afetam diretamente a qualidade e a periodicidade da prestação do serviço público, que passe a economizar verbas com a contratação de assessores.

a) No caderno, explique qual é a crítica feita por ele.

O autor afirma que a Prefeitura gosta de reforçar que não tem dinheiro (verbas, recursos), mas gasta com novos funcionários.

b) Registre no caderno a afirmação correta. O autor da carta sugere que a Prefeitura:

II. O autor sugere que a Prefeitura não contrate mais assessores para economizar verbas e, desse modo, conseguir atender a população.

I. contrate mais assessores;

II. não contrate mais assessores.

• Explique essa sugestão.

7. b) Resposta pessoal. Possibilidade: Por se tratar de um site, alguns elementos das cartas publicadas podem não estar presentes (como a data em que o leitor escreveu ao site). Também é possível que alguns elementos sejam omitidos por

**Fonte:** Carvalho e Delmato (2018, p. 48).

Analisando a questão percebe-se uma interpretação textual que em sequência instiga a produção textual; tudo isso ocorre na letra a) quando solicita-se ao aluno que explique no caderno a crítica que é feita pelo autor. Essa situação da referida letra, entende-se que a atividade está levando o discente a uma reflexão crítica. Na letra b) do item em análise, tem-se os mesmos pontos já mencionados na primeira situação. Por meio do estudo de questões como essas é perceptível que o exercício contempla o ensino da gramática contextualizada, pois a carta como visto no trecho da questão, toca numa problemática política recorrente no país, presente nos noticiários televisivos, que muitas vezes pode passar despercebido pelo aluno, mas que a questão toma para refletir uma problemática social.

Em conformidade com Antunes, trabalhar por meio de uma abordagem contextualizada:

Precisa não perder de vista a dimensão global do texto, seu eixo temático, seu (s) propósito (s) comunicativo (s), o suporte em que vai circular etc. assim a gramática que defendemos como contextualizada é exatamente oposta à perspectiva de isolar os itens e tomá-los as coisas como independentes (Antunes, 2014, p. 47).

Diante dessa reflexão pode-se perceber que a gramática contextualizada é inerente ao trabalho que se deve realizar para a formação dos cidadãos capazes de reconhecer seus direitos perante as dificuldades sociais, por esta razão, não se pode falar em ensino contextualizado sem tocar em questões como a cidadania e direitos, sejam eles individuais ou mesmo coletivos.

Essa questão seguinte está pautada na construção critico-reflexiva, pois permite ao discente não apenas refletir sobre a solução de problemas coletivos, como traz a proposta de resolvê-los por meio de argumentos, veja:

4. Em sua opinião, escrever e enviar uma carta de reclamação ou solicitação, com argumentos válidos, é uma forma de refletir sobre problemas coletivos e ajudar a resolvê-los? Justifique sua resposta.

**Fonte:** Carvalho e Delmato (2018, p. 49).

Neste segmento está sendo colocado em discussão tema que envolve questão na perspectiva crítico-reflexiva, de maneira contextualizada. A partir da questão, os alunos irão refletir criticamente sobre suas atitudes com relação a problemas coletivos. Diante disso, constata-se que a escola tem o papel de proporcionar ao discente um ensino pautado nesses elementos indissociável da vida do sujeito enquanto ser social; e é contextualizada no sentido de sabermos que essas questões são algo que de fato ocorre atualmente, portanto é realidade próxima do aluno.

Nas sociedades contemporâneas, a escola é local de estruturação de concepções de mundo e de consciência social, de circulação e de consolidação de valores, de promoção da diversidade cultural, da formação para a cidadania, de constituição de sujeitos sociais e de desenvolvimento de práticas pedagógicas. O processo formativo pressupõe o reconhecimento da pluralidade e da alteridade, condições básicas da liberdade para o exercício da crítica, da criatividade, do debate de ideias e para o reconhecimento, respeito, promoção e valorização da diversidade. Para que esse processo ocorra e a escola possa contribuir para a educação em direitos humanos, é importante garantir dignidade, igualdade de oportunidades, exercício da participação e da autonomia aos membros da comunidade escolar (Brasil, 2007, p. 31).

A questão seguinte ainda se propõe a refletir sobre a carta de reclamação, agora sobre o aspecto da linguagem a ser empregada:

5. A linguagem empregada na carta é formal ou informal? Você a considera adequada ao contexto em que está inserida? Justifique sua resposta.

**Fonte:** Carvalho e Delmato (2018, p. 51).

Se na questão anterior a proposta da atividade era pensar na possibilidade de reclamação, nesta, reflete-se em que tipo de linguagem pode ser empregada na carta de reclamação: se formal/informal. Logo, o LD, na medida que a questão está trabalhando a formalidade e a informalidade dentro dos contextos uso e a sua adequação a ele, finaliza pedindo uma justificativa para sua posição, citada em sua resposta pessoal reflexiva, pois é o momento em que o discente vai evidenciar a sua compreensão sobre os contextos de usos formais e informais da língua e, a partir dessa compreensão o professor poderá intervir nas suas atividades, a fim de ratificá-las ou mesmo retificá-las. Entende-se que o papel da escola é justamente este, de levar o aluno a desenvolver esse senso crítico. Como citado por Antunes (2008), a gramática está em função do uso da língua reais da língua e não meramente de conhecer e identificar suas estruturas.

Observe a atividade seguinte que contempla a produção textual em seus aspectos de contextualização.

5. Escolha o assunto de sua carta e selecione pelo menos dois argumentos que possam comprovar a reclamação.

**Fonte:** Carvalho e Delmato (2018, p. 54).

Na produção textual o aluno é levado a refletir sobre o seu cotidiano levando em conta as necessidades reais da sua comunidade, para construção dos seus argumentos. Pode-se perceber a contextualização e a diversidade – criatividade, pensar as necessidades, mais criação dos argumentos - envolvida, em que o aluno vai ser instigado a pensar. E desse modo, pode -se dizer que a educação é provocativa e quando isso ocorre ela constrói e jamais se repete. Esse paradigma de educação está estreitamente ligado com o modelo de ensino que se defende atualmente nos documentos recentes, como a BNCC, baseado na provocação na construção. A seguir, as orientações para essa produção textual:

### Planejando o texto

#### 1ª etapa

1. Defina para quem sua carta será enviada.
2. Como vimos, o texto de uma carta de reclamação pode ser dividido em algumas partes:

Introdução – apresentação do problema;  
Desenvolvimento – o relato do problema, com argumentos para justificar a reclamação;  
Conclusão – síntese das ideias e sugestão para resolução do problema apontado;  
Despedida;  
Nome do remetente.

**Fonte:** Carvalho e Delmato (2018, p. 54).

Corroborando com Antunes (2014, p. 47) “A gramática que defendemos como contextualizada precisa não perder de vista, seu (s) propósito (s) comunicativo”, vem para reforçar a ideia de que por meio da produção da carta os estudantes são colocados em uma situação de construtor do próprio conhecimento, partindo de sua realidade, pois à medida que é feita uma reclamação, o cidadão está reivindicando um direito seu, como integrante da sociedade a partir de sua realidade social, já que este irá reclamar um problema do seu contexto de vivência; assim, tem-se a gramática contextualizada.

Destaca-se o item 2, no qual a contextualização na atividade sugerida, o sujeito é desafiado a partir da própria realidade, a buscar identificar problemas sociais por meio de uma pesquisa. Sendo assim, é notório que o aluno é provocado a refletir de maneira crítica sobre questões de cidadania que no caso são os problemas que identificará, e a partir daí colocará em prática a cidadania em busca de um direito social, por meio da carta de reclamação. Desse modo se faz necessário reconhecer que:

A educação em e para os Direitos Humanos no contexto da diversidade linguística pode contribuir para constituição de uma nova realidade social e educacional. Portanto, a educação, nesse contexto, deve relacionar-se a um processo dinâmico e participativo que visa promover o diálogo e a resolução criativa e cooperativa dos conflitos que emergem no decorrer das interações e relações humanas. A Educação deve apresentar-se contextualizada, distando-se da rigidez e da padronização (Carvalho, 2015, p 53).

As próximas questões são um bloco de atividades que trata de uma temática muito relevante. O tema que segue são os direitos universais. Aqui os alunos serão provocados a refletir e criar seu próprio conhecimento, a partir do conhecimento dos direitos de todos.

1. Na *Leitura 1*, o autor da carta de reclamação reivindicava, entre outras coisas, o direito de ter um bairro seguro e bem cuidado. No vídeo sugerido na *Produção escrita*, vimos que pessoas com deficiência visual e com restrição de locomoção não tinham garantidos o direito de locomoção na cidade onde viviam. Você conhece algum outro caso em que um ou mais direitos dos cidadãos não estejam sendo respeitados? *Resposta pessoal.*
2. Você sabia que todas as pessoas têm direitos e deveres? Sabe quais são os direitos de uma criança em nossa sociedade, por exemplo? Se sim, cite alguns aos colegas e ao professor. *Resposta pessoal.*
3. Você sabe quem e como se estabelecem as normas para regular os direitos e deveres dos cidadãos em uma sociedade? Se souber algo a respeito, compartilhe com a turma. *Resposta pessoal.*

**Fonte:** Carvalho e Delmato (2018, p. 62).

Neste aspecto, vê-se que o livro didático busca fazer uma interação ensino e aprendizagem pautada na questão da diversidade, tendo por base o respeito a partir do conhecimento das leis, das diferenças e dos direitos inerentes a todo cidadão; o que vem ao encontro do paradigma educacional defendido na contemporaneidade

No próximo segmento da análise, englobam-se questões que instigam o aluno a refletir de maneira crítica; aborda-se textos com uma diversidade linguística que desperta o aluno para a

leitura visual e oral levando-o a criar um pensamento para além da proposta contida na questão, levando o discente a buscar informações sobre temas importantes que incluem discussões sobre novas culturas, podendo assim conhecer uma diversidade: as diferentes formas de falar, variação linguística, diversas formas de viver das pessoas inseridas na sociedade. Observe o texto que segue do livro em análise.

#### Formas de polidez

A interação entre duas pessoas quando conversam envolve vários fatores. Um deles é o quanto essas pessoas se conhecem: se são amigas ou se pouco se conhecem, o ambiente social em que dialogam, etc. A forma de se dirigir a uma pessoa que não conhecemos é diferente daquela usada com quem temos familiaridade. Sente-se com um colega. Juntos, leiam esta charge.



2. Possibilidade:
- O senhor sabe onde fica a rua X?
  - Eu não sei, desculpe.
  - Faz esquina com a rua Y?
  - Também não conheço.
  - É perto da escola tal?
  - Ah, sim. É aliás do senhor.

**Charge** é um desenho com ou sem texto verbal, geralmente publicado em jornais ou revistas, que tem como tema um acontecimento atual e a intenção de provocar humor ou crítica.

1. Observem a sequência das falas no diálogo. De que modo esse diálogo contribui para criar o humor da charge? *As repetidas orientações de localização não são por nome de ruas e sim por pontos de referência.*
2. O diálogo ocorre entre uma pessoa que deseja uma informação e uma para quem se pede a informação a respeito de um endereço. Oralmente, reconstruam o mesmo diálogo tornando as falas do personagem que responde mais polidas.

**Fonte:** Carvalho e Delmato (2018, p. 191).

Nessa charge percebe-se uma atividade inerente ao que se pretende ensinar dentro da gramática contextualizada, pois ao fazer a leitura em grupo, o aluno vai discutir e ao mesmo tempo que discute, reflete sobre as diferentes formas de falar com o outro; desse modo vai compreender a diversidade linguística presente na comunicação. Logo, perceberá que a maneira de dialogar com uma pessoa do seu cotidiano difere do diálogo com alguém que não tem essa familiaridade. Para isso, o aluno vai avaliar sobre sua comunicação com as pessoas no seu dia a dia fazendo relação com a comunicação que tem com pessoas as quais não possui tal familiaridade.

Diante disso, identifica-se a contextualização à medida que o discente analisa as formas de se comunicar. Segundo o Franchi (2006) o ensino de língua torna-se mais efetivo partindo da realidade dos estudantes, mostrando que a usual, do dia a dia, a gramática internalizada, não é errada.

Entende-se que em algumas situações, a gramática normativa precisará entrar em ação não no intuito de menosprezar a linguagem do aluno, no seu uso social, mas com o intuito de conscientizá-lo ensinado, pois em muitos documentos é preciso apropriar-se da linguagem mais culta, normativa; todavia o ensino de gramática jamais pode desprezar o que o aluno já tem internalizado, mas ao contrário, usar isso em função da sua aprendizagem.

A proposta de atividade seguinte foca no gênero da oralidade, muitas vezes relegado nas atividades de língua portuguesa na sala de aula como relata pesquisas de Antunes (2003), mas direcionado pela BNCC para o trabalho com a linguagem. Veja como foi trabalhado essa proposta neste LD.

#### 4 Apresentação oral

Você conheceu o relato pessoal de Bartolomeu Campos de Queirós e viu que esse gênero reflete a experiência de vida de quem o escreveu. Ler ou ouvir um relato como esse pode sempre nos ensinar algo novo.

Agora, que tal produzir uma exposição de relatos? Em grupos, vocês irão entrevistar algumas pessoas para ouvir a história delas ou um momento marcante de vida. A partir desses depoimentos, produzam relatos escritos para compartilhar com os colegas.

Vocês podem gravar os relatos e enviar os áudios diretamente para as pessoas entrevistadas como uma homenagem a elas. Os relatos também podem compor uma coleção de áudios no blogue da turma.

#### Antes de começar

Leia este relato em 3ª pessoa, produzido por alunos do 8º ano de uma escola em São Paulo a partir da entrevista com um morador desse município e de seu depoimento.

#### Um breve relato de seu João Rodrigues sobre São Miguel e adjacências

##### SINOPSE

Seu João Rodrigues faz uma narrativa de sua própria história, de São Miguel e adjacências.

##### HISTÓRIA COMPLETA

PROJETO MEMÓRIA LOCAL – SÃO MIGUEL PAULISTA – EMEF JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

ELABORAÇÃO: ALUNOS DA 7ª SÉRIE C

ENTREVISTADO: JOÃO RODRIGUES DA SILVA.

No dia 09 de setembro de 2006 os alunos da 7ª C da ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA entrevistaram o Sr. JOÃO RODRIGUES DA SILVA. O Sr. JOÃO nos disse que tem 101 anos, mas no registro ele tem 91 anos. Ele tem 57 anos de casado, tem seis filhos. [...] Seu João mora em SÃO MIGUEL PAULISTA desde 1940. Conta ele que SÃO MIGUEL possuía inúmeras plantações, como por exemplo de batata-doce, lá na VILA JACUÍ. Também disse que a MARECHAL TITO ligava SÃO PAULO e RIO. O transporte era só trem e carroça e um homem trazia pão de manhã pra todo mundo e à noite voltava com batata-doce. Não tinha asfalto, era só barro e mato; quando chovia dava enchente e atingia as casas. A casa do seu João é uma das mais antigas do bairro. [...] Disse também que o tempo é relativo em nossas vidas, "nós vivemos cada época e o que não muda é que nós temos sempre que trabalhar. Cada tempo tem suas fases boas e ruins".

**Fonte:** Carvalho e Delmato (2018, p. 192).

Na proposta da atividade acima encontra-se um leque de meios pelos quais o aluno pode construir seu conhecimento partindo da pesquisa que possibilitará o pensamento crítico-reflexivo, além de possibilitar atividades que em certos momentos se reportam ao contexto do discente, pois tem como base um relato pessoal que reflete a experiência de vida das pessoas que de alguma forma contribuíram com uma cidade, bairro, escola, etc.

Os alunos poderão ir além, porque eles realizarão pesquisa em grupos podendo partir de uma situação em que estão inseridos até chegar a outro contexto, como por exemplo, conhecer os diferentes falares e perceber assim a diversidade linguística e considerá-la, para que ocorra de fato a comunicação e com isso, ao produzir os relatos serão motivados a refletir sobre oralidade e a escrita, uma vez que irão produzir perguntas para entrevistas e depois expô-las para a turma. Logo, esses passam a refletir sobre a modalidade formal da língua, pois terão que escrever as perguntas/itinerário para o relato pessoal:

O objetivo fundamental da escola em levar a criança a dominar a modalidade culta escrita de sua língua se realiza, principalmente, oferecendo-se a criança condições, instrumentos e atividades que a façam ter acesso as formas linguísticas diferenciadas e operar sobre elas (Franchi, 2006, p. 29).

Como percebe-se nessas questões, o reiterar a assuntos que levam o estudante a ser crítico-reflexivo, através de informações implícitas do texto na questão, entende-se também que é trabalhado a cidadania, em que ao falar com diferentes pessoas deverão respeitar a sua língua materna independentemente do contexto em que estão inseridos, e quando se trata de respeito às diferenças inclui atitudes cidadãs: “O Brasil destaca-se por ser um país que, desde o descobrimento, o desrespeito aos Direitos Humanos é encontrado de forma latente” (Carvalho, 2015, p.13). Essa severa crítica posiciona-se a favor de desfazer-se dessa irreverência ao falante natural da língua, com um trabalho especialmente feito pelo LD, por ser um registro, um documento.

A atividade que segue está trazendo uma proposta muito pertinente ao contexto atual digital do aluno, quando traz a temática da viagem e o conhecimento da cultura por meio de *podcast*.

#### Conheça seu país

Vamos praticar a escuta de um texto com dicas de viagem. Para isso, o professor vai apresentar um episódio de *podcast* publicado no site de uma rádio, voltado para turistas e viajantes. Sua tarefa será ouvi-lo com bastante atenção e, depois, analisar como o texto se organiza e como o apresentador se expressa.



5. Como é a linguagem utilizada: formal ou informal? Considerando o meio de comunicação em que é veiculado o *podcast* e o público a que se destina, em sua opinião, essa linguagem está adequada?
  6. Como você avalia essa apresentação? Aprendeu algo novo sobre a produção de textos orais, especialmente para o formato episódio de *podcast*? *Resposta pessoal.*
5. Informal, descontraída, com emprego de termos coloquiais (filhotes, pra dedê, etc.). Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que, considerando o público a que é destinado (um público amplo) e o formato, está adequada.

**Fonte:** Carvalho e Delmato (2018, p. 215).

O uso da oralidade é justamente o que está em consonância com a BNCC, pois esta agrupa as habilidades em quatro diferentes práticas de linguagem: Leitura, Produção de Textos, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica (BRASIL, 2018). Antes mesmo desse documento entrar em vigor, Antunes (2003) já fazia uma crítica ferrenha ao fato de constatar em suas pesquisas, no ensino de língua portuguesa no quesito oralidade, ainda se restringia a produções de registros informais, sendo relegado a produção de:

[...] gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros mais formais, com escolhas lexicais mais especializadas e padrões textuais mais rígidos, além do atendimento a certas convenções sociais exigidas pelas situações do «falar em público» (Antunes, 2003, p.24).

Logo, são estas atividades que ela pontua, que de fato são exigidas na sociedade, em contextos diversos, que farão a diferença no uso social da língua, no uso da língua para além dos muros da escola, como é bem o foco de suas pesquisas/ estudos.

A atividade termina com uma avaliação feita pelo discente, momento em que o aluno vai analisar, refletir e criar sua opinião sobre a atividade de escuta.

Desse modo temos uma proposta de questão contextualizada, pois atualmente os jovens estão inseridos na denominada *era digital*, assim o uso do *podcast* é uma ferramenta provocativa, pois desperta neles o interesse, o pertencimento. É relevante na escola livros que se preocupam com tal abordagem, com questões que tragam essa qualidade para o ensino, uma vez que o atual cenário é digital, portanto ao invés de fugir dele é importante incluí-lo na discussão com os alunos.

A questão acima é ratificada pelas falas de Antunes (2014, p.47): “A gramática que defendemos como contextualizada é exatamente oposta à perspectiva de isolar os itens e tomá-los as coisas como independentes” Temos ainda em Antunes que o “os sentidos pretendidos decorrem também dos elementos contextuais vivenciados” (Antunes, 2003, p.50).

Como se percebe, nas questões analisadas existe a criticidade nas situações em que o aluno precisa avaliar, analisar, criticar o assunto abordado para poder realizar a proposta de atividade. Dessa forma, partindo sempre do uso das palavras dentro de um contexto, para que assim entenda-se a pretensão de cada uma das tais naquela conjuntura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de aprendizagem de gramática em questões do livro didático ainda se limita ao estudo de regras e nomenclaturas a partir de exercícios estruturais. Apesar das novas orientações pedagógicas, sobre ensino de gramática, ainda existem exercícios isolados, ou com questões não provocativas, mas em parte identificou-se questões bem provocativas que levam o aluno a construir, transformar por meio do pensamento crítico-reflexivo. Incluindo também em alguns textos, temas e questões acerca de educação, diversidades e cidadania, numa perspectiva crítico-reflexiva.

Este estudo mostrou que há um avanço ainda que parcial, no que concerne ao tratamento gramatical e contextual, pois percebeu-se que a gramática não é vista em sua totalidade, uma gramática contextualizada, como um recurso, ou um meio, todavia é perceptível um avanço, um caminho é possível para que a gramática contextualizada se solidifique no ensino do LD, logo, no ensino da língua.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CARVALHO, Rafael Dantas de. **Direitos humanos e diversidade linguística no ensino médio do distrito federal**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- DELMATO, Dileta; CARVALHO, Laiz. **Português: conexão e uso, 6º ano: ensino fundamental**. São Paulo: Saraiva, 2018.
- FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; MULLER, Ana Lúcia de Paula. **Mas o que é mesmo gramática?** São Paulo: Parábola, 2008.
- FERREIRA, Maria do Socorro de Andrade. **O princípio da cooperação no livro didático**. Teresina: EDUFPI, 2021. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/o-principio-da-cooperacao-no-livro-didatico/>. Acesso em: 20 jan. 2023.